

Conferência da European Association for American Studies

Realizou-se de 3 a 7 do passado mês de Abril, em Sevilha, a Conferência da EAAS, subordinada ao tema "The American Columbiad: 'Discovering' America, Inventing the United States". Quer o local escolhido para a realização do encontro, quer o tópico proposto para discussão indicam claramente o propósito da EAAS de contribuir para uma reflexão sobre o fenómeno que este ano se relembra (e de que Sevilha é um dos palcos privilegiados), ou seja, o descobrimento da América. Mas, mais do que associar-se às comemorações dessa data, julgo ter sido objectivo da EAAS aproveitar este momento para se interrogar sobre as raízes e a constituição (histórica e mítica) dessa complexa entidade — os Estados Unidos da América — que constitui a base dos "Estudos" da Associação.

Uma das questões centrais da discussão está já presente no tema da Conferência através da relativização do termo "descoberta". As implicações culturais, ideológicas e económicas dos termos "descoberta", "encontro", e "conquista" foram, com efeito, objecto de reflexão em várias das comunicações apresentadas, que assim procuraram analisar a natureza e consequências do confronto entre o Europeu e o Outro que a viagem de Colombo proporcionou. Veja-se, por exemplo, o tema da mesa redonda organizada por Annette Kolodny, da Universidade do Arizona, "Discovery, Encounter, and Conquest: Competing Paradigms in America Frontier Studies", ou o da organizada por Raymund Paredes, da Universidade da Califórnia, "Border Cultures and Encounters", ou ainda o da mesa redonda dirigida por Susan Castillo, da Universidade do Porto, "The Indian as Subject/Object in Colonial Discourse".

De igual interesse se revelou a discussão sobre a segunda vertente proposta no tema

da Conferência, isto é, a da criação imaginativa e construção ideológica dos mitos que presidiram à formação dos Estados Unidos da América, mesas redondas como a organizada por Maria Diedrich, da Universidade de Hannover, e Werner Sollors, da Universidade de Harvard, sobre "The Black Columbiad: Reinventing America", e a dirigida por Richard Martin, da Rheinisch-Westfälische Technische Hochschule, e Lis Moller, da Universidade de Copenhaga, intitulada "Creation in Whose Image? Gender and the Invention of the United States", propõem claramente a reinvenção dos paradigmas tradicionais sobre a centralidade da figura do homem europeu nesta problemática.

A figura de Colombo, quer na sua dimensão histórica, quer como origem e modelo de outras narrativas sobre o projecto imperial não esteve também ausente das preocupações de vários dos participantes: "Columbus between History and Myth in the Literature of the Americas" foi o tema de uma mesa redonda organizada por Biancamaria Lalli, da Universidade de Roma; Gertrude Buelens, da Universidade Católica de Nijmegen, e Ernst Rudin, da Universidade de Freiburg, dirigiram outra, subordinada ao título "Deferring a Dream: Sub-versions of the American Columbiad", enquanto Liliane Kerjan, da Universidade de Rennes, presidiu a uma outra sobre "Columbus Circles, or the Staging of the Discovery of America".

As relações internacionais e transatlânticas, tanto no passado como no presente, constituíram ainda outro dos focos de interesse da Conferência, evidenciado pela realização de uma mesa redonda sobre "The Concept of Atlanticism", coordenada por Mel Van Elteren, do Netherlands Institute for Advanced Study in the Humanities and Social Sciences, ou por uma outra, dirigida por Helmbrecht Breinig, da Universidade de Erlangen-Nürnberg, sobre "Power, Counter-Power and Discourse: Inter-American Relations in Politics, Economy and Culture since the Late 19th Century".

A presença de especialistas americanos em Sevilha merece ainda uma breve referência, não só porque demonstra a colaboração, sempre proveitosa, entre a EAAS e a sua congénere americana, mas também pelo valioso contributo desses especialistas, não só na participação em numerosas mesas redondas, como na apresentação de comunicações, das quais convém ressaltar a palestra de Michael Dorris, intitulada "Mistaken Identities: False Preconceptions and Self-Fulfilling Prophecies", que abriu a Conferência, assim como a de Alice Kessler-Harris, Presidente da Associação Americana, sobre "Gendered Interventions: Rediscovering the American Past", ou ainda a proferida por Andrew Delbanco, da Universidade de Columbia, sobre "American Identity or the Imagination of Evil".

O grande número e diversidade de pontos de vista sobre o tema-base da Conferência foram, porventura, os seus aspectos mais estimulantes, que, como se depreende pelas referências (necessariamente incompletas, dada a existência de vinte e três mesas redondas com cerca de doze comunicações cada) aos tópicos discutidos, incluíram perspectivas históricas, políticas, literárias, antropológicas e dramáticas sobre o tema em causa. A necessidade e vantagens de uma abordagem de carácter interdisciplinar ficaram amplamente demonstradas nesta Conferência, que de forma clara atestou a presente vitalidade e capacidade de auto-renovação dos Estudos Americanos.

De salientar ainda a participação portuguesa na Conferência, com a eleição da Professora Doutora Maria Irene Ramalho de Sousa Santos para o prestigioso cargo de Vice-Presidente da EAAS, e a organização de uma das mais animadas mesas redondas por Stephen Wilson, da Universidade de Coimbra, com o título "Forms and Instances of Civility and Wildness: Discovery, Colonisation and the Invention of the US", em que participaram Maria Teresa Alves e Maria Teresa Cid, da Universidade de Lisboa, para além da já referida mesa redonda organizada por Susan Castillo, da Universidade do Porto.

Por último, uma informação sobre a próxima Conferência da EAAS: realizar-se-á em 1994 no Luxemburgo e terá como tema-base "The Insular Dream: Obsession and Resistance". ■

Jacinta Maria Matos

Encontro Nacional de Poetas

Comemorar o 1º centenário da publicação da "death-bed edition" de *Leaves of Grass* de Walt Whitman celebrando festivamente a Poesia foi o objectivo — inquestionavelmente atingido — do Grupo de Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra ao organizar, em boa hora, o Encontro Internacional de Poetas que decorreu nesta cidade entre 4 e 7 de Maio de 1992.

Como frisou a Professora Doutora Maria Irene Ramalho na sessão de abertura — que, com a presença do Reitor da Universidade de Coimbra, teve lugar no Auditório da Reitoria na manhã do dia 4 — no contexto de uma "crise das humanidades", em que este tipo de saber dificilmente vê aceite pelo poder a utilidade da sua "inutilidade" — radicalmente exemplificada pela poesia como capacidade de subverter o provável, inventando o possível —, é fundamental que a Universidade (e a cidade) ouça as vozes dos poetas.

E foi a diversidade dessas vozes revelando os diferentes mundos que a poesia habita e os diferentes modos de a habitar que espaços privilegiados da Universidade e da cidade puderam acolher em oito sessões de leitura que decorreram na Biblioteca Joanina, nos Claustros da Sé Velha, no Café Santa Cruz, na Sala de S. Pedro e no Teatro Paulo Quintela. Poetas de onze nacionalidades (embora o entusiasmo e a criativa ambição dos organizadores do Encontro tivessem querido poder oferecer a Whitman e a nós, os seus leitores do final do século xx, um sinal de "universalidade" ainda mais eloquente...) leram poemas seus nas suas línguas, dispondo-se ainda a dialogar entre si e com o público, em vivíssima troca de ideias e experiências e no mais animado debate e confronto de modos de entendimento da poesia e da sua relação com o "real". O privilégio da convivência directa com os poetas impõe-nos a menção dos seus nomes, no que, mais do que uma lista, pretende ser uma sugestão da dimensão desta "Festa da Poesia", como a organização do Encontro quis, com propriedade, chamar-lhe: António Ramos Rosa, Robert Kroetsch, Robert Guyon, Sabine Scholl, Ruy Duarte de Carvalho, Fíamã Hasse Pais Brandão, Hugh Maxton, Michael Franco, Xavier Seoane, Fernando Echevarria, Robert Creeley, Tom Raworth, Nicole Brossard, Yvette K. Centeno, Egito Gonçalves, Charles

Bernstein; Manuel Portela, Jefferson Hansen, Martin Earl; Casimiro de Brito, João Miguel Fernandes Jorge, Boaventura de Sousa, Elisabeth Burns; Alberto Pimenta; Corsino Fortes, John Havelda, José Ribeiro Ferreira, Pirouz Eftekhari.

Valiosas oportunidades de debate e produtiva controvérsia foram também as mesas redondas que pontuaram diariamente o Encontro. A primeira, coordenada por Maria Irene Ramalho, teve como pretexto uma discussão sobre "Whitman e a imaginação poética" e nela participaram Robert Creeley (EUA), Roger Asselineau (França), Martin Earl (EUA) e Mário Jorge Torres (Portugal). No segundo dia, Manuel Portela coordenou uma mesa redonda que debateu o tema "A poesia e as outras artes", com a intervenção de Robert Bertholf (EUA), Robert K. Martin (Canadá), Michael Franco (EUA) e John Havelda (Grã-Bretanha). A última mesa redonda abordou a questão "A universalidade da poesia?" e, coordenada por Graça Capiñha, teve como participantes António Ramos Rosa (Portugal), Yvette Centeno (Portugal), Boaventura de Sousa (Portugal) e Charles Bernstein (EUA).

Durante o Encontro esteve patente na Sala dos Professores da Faculdade de Letras uma exposição bibliográfica que oferecia, com base no espólio das bibliotecas da Faculdade, uma panorâmica da obra dos poetas participantes. Merece igualmente destaque a edição de uma colectânea bilingue de poemas dos mesmos poetas, com a produção de traduções inéditas em que colaboraram diversos docentes da FLUC, num reconhecimento empenhado do esforço da organização e da importância da iniciativa.

O "balanço" informal do Encontro (que não excluía a sua animação social) era, no seu final, indubitavelmente positivo, como comprovou a estimulante pergunta-sugestão deixada pela maioria dos participantes: E para quando o próximo?... ■

Isabel Pedro dos Santos

Colóquio "The Turn of the Century. From Modernism to Avant-Garde in European Literature and the Arts" (Antuérpia, 21-23 de Maio de 1992)

Os tempos vão mais propícios a uma reavaliação em profundidade do paradigma

modernista, desde que a questão do pós-modernismo perdeu a virulência polémica e nos vemos a entrar, mais pacificamente do que era previsível, no que talvez tenha de ser classificado como um "pós-pós-modernismo". O colóquio em epígrafe, que reuniu durante três dias na Universidade de Antuérpia algumas dezenas de especialistas das mais diversas nacionalidades, propunha-se contribuir para essa reavaliação, atenta ao novo contexto estético e epistemológico. Esse objectivo, diga-se desde já, acabou por se ver algo comprometido por duas lacunas importantes: por um lado, o naipe dos participantes quase se resumia a especialistas literários, não reflectindo a multidisciplinaridade indispensável a uma discussão global da situação estética modernista; por outro lado, faltou também a muitas comunicações uma reflexão epistemológica temperada pela problemática da pós-modernidade, frustrando, assim, a possibilidade de ir além de posições já adquiridas e mesmo, por vezes, simplesmente rotineiras.

Apesar destas limitações (que, reconheça-se, não podem assacar-se exclusivamente aos organizadores), não foram poucos os motivos de interesse presentes ao longo dos trabalhos. O aspecto mais positivo a assinalar (talvez a característica mais decisiva de um colóquio cuja conclusão principal, como era inevitável e previsível, foi tornar ainda mais evidente quanto há ainda a fazer para um melhor conhecimento do seu objecto) será certamente o entendimento amplo do paradigma modernista partilhado pela maioria dos participantes. Toma-se visível que, contrariamente ao pretendido por algumas versões apoloéticas do pós-modernismo, compelidas a construir uma imagem unidimensional do conceito de que queiam demarcar-se, extrapolado essencialmente das concepções funcionalistas em arquitectura, o conceito de modernismo é, por definição, amplo e plural. Correlativamente, movimentos ou autores periféricos até há pouco ignorados ou negligenciados (como é o caso notório de Fernando Pessoa) surgem agora plenamente integrados na discussão. É, aliás, significativo que as contribuições mais interessantes tenham sido sobretudo as que incidiam sobre temáticas ou autores marginais a uma definição canónica restritiva de modernismo.

Neste sentido, uma das comunicações mais marcantes foi, sem dúvida, a de Wladimir Kryszinski (Montréal), dirigida a uma diferenciação do conceito de vanguarda assente na

distinção entre "avant-gardes d'ostentation" e "avant-gardes de faire cognitif": trata-se de definir o conceito não exclusivamente a partir dos manifestos, das "atividades ostentatórias" viradas para o choque e o escândalo, mas sobretudo à luz da "subversão cognitiva", menos espectacular e menos visível, resultante do trabalho longo, obstinado, intersticial, dirigido para a problematização dos pressupostos da modernidade. No contexto da mesma definição ampla do paradigma modernista, não surpreendeu, por exemplo, ouvir comunicações como a de Yves Chevreil (Paris), centrada, de um modo extremamente clarificador, sobre o tema "Naturalisme et Modernité". Igualmente significativa foi a atenção prestada à problemática do fim do século vienense (sobre que incidiu também a minha própria contribuição, dedicada a uma reavaliação do lugar de Karl Kraus no contexto modernista). Embora comunicações como a de Roger Bauer (Munique) sobre Hofmannsthal mais não fizessem do que repisar terreno já bem familiar, outros textos, como o de Giorgio Maragliano (Florença) sobre "D'Annunzio, Hofmannsthal and Rilke" ofereceram perspectivas saudavelmente inovadoras. Também a leitura do Expressionismo alemão à luz da problemática pós-moderna por Walter Erhart (Tübingen) veio mostrar como temáticas aparentemente esgotadas podem revelar novas facetas, se vistas de um ângulo suficientemente atento à nossa própria contemporaneidade.

Igualmente significativos foram os vários contributos para uma revisão do conceito de modernismo a partir do ponto de vista das mulheres, alicerçados nas aquisições da crítica feminista, mesmo quando, por uma razão ou por outra, não se reclamavam explicitamente desse rótulo. O mais conseguido desses contributos, constituindo uma excelente síntese do "estado da arte" no capítulo, não apenas do estudo das "mulheres no modernismo", mas do "modernismo como mulher", foi a comunicação de Vivian Liska (Antuérpia), "From Topos to Trope. Feminist Revisions of Modernism".

Scott D. Denham (Davidson, N.C.), falando sobre "Institutions of Modernism: a Theoretical Introduction" fez incidir a sua excelente

intervenção sobre um aspecto nem sempre suficientemente valorizado, mas decisivo para uma compreensão da dinâmica específica do campo estético modernista: propondo-se lançar os fundamentos de uma teoria das "instituições modernistas", o autor ilustrou sobretudo com o exemplo do "Bauhaus" as vantagens de uma abordagem sociológica da dimensão institucional, mais ou menos precária, que marcou os movimentos modernistas.

Não é possível, naturalmente, referir o conjunto das intervenções, que, como dei já a entender, de modo nenhum se centraram, como seria de reear, no modernismo anglo-americano do "mainstream", nem também apenas no de expressão francesa (a condição multilingue da Flandres talvez ela própria tenha contribuído para isso, ao fornecer um quadro de quase natural estímulo a uma saudável diversidade). Realcem-se ainda, de entre as intervenções de fundo, a síntese competente de Jean Weisgerber "Panorama d'un siècle (1850-1950): discordia concors?" e a comunicação de Matei Calinescu (Bloomington, Ind.), "Modernism, Modernity, Modernization". A distinção entre "modernidade" e "modernismo" em que insistiu Calinescu é, a meu ver, fundamental: um dos aspectos fundamentais da estética modernista, como eu próprio já tenho tido oportunidade de realçar, é a atitude ambivalente, a um tempo celebratória e crítica, que ela adota perante o contexto da modernidade. Já, por seu lado, em relação ao conceito de modernização, o qual, como o autor a justo título sublinhou, quase tem estado ausente do âmbito dos estudos literários, a exposição não foi, a meu ver, muito convincente; a operacionalização do conceito para uma visão crítica do modernismo necessita, claramente, de uma mais aprofundada e coerente elaboração. Ficou, no entanto, a nota da tentativa de superação do quadro conceptual demasiado estreito em que muitas vezes se têm movido os estudos sobre o modernismo.

Esperemos pela prometida publicação das actas do colóquio, que ficará, sem dúvida, a constituir uma referência importante sobre um tema virtualmente inesgotável. ■

António Sousa Ribeiro